

ENTRE O CORPO E O ESPÍRITO: SAÚDE E DOENÇA NO CULTO À JUREMA SAGRADA

BETWEEN BODY AND SPIRIT: HEALTH AND ILLNESS IN THE WORSHIP OF THE SACRED JUREMA

ENTRE EL CUERPO Y EL ESPÍRITU: SALUD Y ENFERMEDAD EN EL CULTO A LA JUREMA SAGRADA

 <https://doi.org/10.56238/arev7n7-347>

Data de submissão: 29/06/2025

Data de publicação: 29/07/2025

João Victor da Silva Rodrigues

Mestrando em Saúde e Desenvolvimento Socioambiental

Instituição: Universidade de Pernambuco

E-mail: joao.victorrodrigues@upe.br

Clarissa Marques

Doutora em Saúde e Desenvolvimento Socioambiental

Instituição: Universidade de Pernambuco

E-mail: clarissa.marques@upe.br

Rogério Mendes

Doutor em Letras

Instituição: Universidade Federal de Pernambuco

E-mail: rogerio.mendes.coelho@ufrn.br

Suely Emilia de Barros Santos

Doutora em Saúde e Desenvolvimento Socioambiental

Instituição: Universidade de Pernambuco

E-mail: suely.emilia@upe.br

RESUMO

Este estudo investiga as inter-relações entre saúde e espiritualidade no culto à Jurema Sagrada, tradição religiosa de forte matriz indígena no Nordeste brasileiro. Justifica-se pela escassa visibilidade acadêmica concedida aos sistemas de cuidado oriundos de povos tradicionais, ainda marginalizados por narrativas biomédicas e eurocêntricas (Mignolo, 2017; Bezerra et al., 2023). O objetivo central é descrever, por meio de diários de bordo etnográficos, como as práticas ritualísticas na Casa Mestre Zé do Beco, em Pesqueira-PE, articulam percepções de saúde, doença e cura. Fundamentado em aportes da antropologia médica e em teorias críticas decoloniais (Ayres, 2004; Walsh, 2009), o trabalho evidencia a Jurema como tecnologia ancestral que integra corpo, espírito e comunidade, contrapondo-se à fragmentação do modelo biomédico. Trata-se de um relato porque nasce das minhas próprias escrivivências enquanto pesquisador, simultaneamente Juremeiro e enfermeiro, a partir das experiências em campo, capturando dimensões subjetivas e simbólicas do cuidado que não poderiam emergir por metodologias exclusivamente quantitativas. Os resultados, extraídos dos diários, revelam como rituais da Jurema transcendem o físico, estabelecendo espaços comunitários de escuta, acolhimento e recomposição energética. Tais práticas reafirmam a Jurema enquanto patrimônio imaterial e dispositivo político de resistência, promovendo um cuidado integral que incorpora o bem-

estar emocional, espiritual e social. Conclui-se que valorizar saberes ancestrais no âmbito do SUS representa um ato de justiça epistemológica, capaz de ampliar as possibilidades de cura e fortalecer identidades historicamente vulnerabilizadas.

Palavras-chave: Interdisciplinariedade. Antropologia. Ciências Sociais em Saúde.

ABSTRACT

This study investigates the interrelationships between health and spirituality in the worship of Jurema Sagrada, a religious tradition with a strong indigenous background in Northeastern Brazil. This study is justified by the limited academic visibility afforded to care systems originating from traditional peoples, still marginalized by biomedical and Eurocentric narratives (Mignolo, 2017; Bezerra et al., 2023). The central objective is to describe, through ethnographic logbooks, how ritualistic practices at Casa Mestre Zé do Beco, in Pesqueira, Pernambuco, articulate perceptions of health, illness, and healing. Based on insights from medical anthropology and critical decolonial theories (Ayres, 2004; Walsh, 2009), the work highlights Jurema as an ancestral technology that integrates body, spirit, and community, countering the fragmentation of the biomedical model. This is a report because it arises from my own writings as a researcher, both a Juremeiro and a nurse, based on field experiences, capturing subjective and symbolic dimensions of care that could not emerge through exclusively quantitative methodologies. The results, extracted from the diaries, reveal how Jurema rituals transcend the physical, establishing community spaces for listening, welcoming, and energetic replenishment. Such practices reaffirm Jurema as an intangible heritage and a political device of resistance, promoting comprehensive care that incorporates emotional, spiritual, and social well-being. It is concluded that valuing ancestral knowledge within the SUS (Brazilian Unified Health System) represents an act of epistemological justice, capable of expanding the possibilities for healing and strengthening historically vulnerable identities.

Keywords: Interdisciplinarity. Anthropology. Social Sciences in Health.

RESUMEN

Este estudio investiga las interrelaciones entre la salud y la espiritualidad en el culto a la Jurema Sagrada, una tradición religiosa con un fuerte trasfondo indígena en el noreste de Brasil. Este estudio se justifica por la limitada visibilidad académica otorgada a los sistemas de atención originarios de pueblos tradicionales, aún marginados por narrativas biomédicas y eurocéntricas (Mignolo, 2017; Bezerra et al., 2023). El objetivo central es describir, a través de registros etnográficos, cómo las prácticas rituales en la Casa Mestre Zé do Beco, en Pesqueira, Pernambuco, articulan las percepciones de salud, enfermedad y sanación. Con base en perspectivas de la antropología médica y teorías decoloniales críticas (Ayres, 2004; Walsh, 2009), el trabajo destaca la Jurema como una tecnología ancestral que integra cuerpo, espíritu y comunidad, contrarrestando la fragmentación del modelo biomédico. Este informe surge de mis propios escritos como investigador, tanto juremeiro como enfermero, basados en experiencias de campo, captando dimensiones subjetivas y simbólicas del cuidado que no podrían emergir mediante metodologías exclusivamente cuantitativas. Los resultados, extraídos de los diarios, revelan cómo los rituales jurema trascienden lo físico, estableciendo espacios comunitarios de escucha, acogida y reposición energética. Dichas prácticas reafirman el jurema como patrimonio inmaterial y un dispositivo político de resistencia, promoviendo una atención integral que incorpora el bienestar emocional, espiritual y social. Se concluye que la valoración de los conocimientos ancestrales dentro del SUS (Sistema Único de Salud) representa un acto de justicia epistemológica, capaz de ampliar las posibilidades de sanación y fortalecer identidades históricamente vulnerables.

Palabras clave: Interdisciplinariedad. Antropología. Ciencias Sociales en Salud.

1 INTRODUÇÃO

A Jurema Sagrada constitui-se como um complexo cultural, religioso e médico-espiritual de origem predominantemente indígena, que ao longo do processo colonial brasileiro foi progressivamente ressignificado pelo contato com populações negras escravizadas e segmentos do catolicismo popular (Grünewald, 2008; L'odó, 2017). Trata-se de um sistema ritual que extrapola o domínio da botânica ou da fitoterapia, pois, como assevera L'odó (2011, p. 33), “a Jurema é simultaneamente planta, bebida, divindade e mundo encantado”, revelando-se como um tronco epistemológico que integra noções de saúde, espiritualidade e cosmologia.

No campo histórico-antropológico, Grünewald (2008) emprega o termo “complexo da Jurema” para destacar a pluralidade de práticas, saberes e classificações botânicas que convergem em torno dessa tradição no Nordeste brasileiro. Entretanto, como aponta Salles (2010), o tema foi explorado tardivamente pela pesquisa nacional, evidenciando a invisibilidade acadêmica que recobre as religiões de matriz indígena, frequentemente silenciadas por narrativas eurocêntricas e processos de colonização epistemológica (Mignolo, 2017; Cesarino, 2017).

Do ponto de vista botânico, o termo “Jurema” designa diversas espécies, sendo a *Mimosa tenuiflora* (Willd.) Poir, popularmente conhecida como jurema-preta, a mais amplamente empregada nos rituais. Estudos farmacológicos demonstram que sua casca possui elevadas concentrações de taninos, flavonoides e alcaloides triptamínicos como a dimetiltriptamina (DMT), que lhe conferem propriedades antimicrobianas e efeitos psicoativos capazes de induzir estados modificados de consciência (Almeida et al., 2018).

Contudo, a importância da Jurema transcende o aspecto fitoquímico. Sob a ótica cosmológica dos praticantes, ela é compreendida como um “pau de ciência”, um eixo que conecta mundos e possibilita o trânsito entre o visível e o invisível, habitado por caboclos, mestres, trunqueiros e demais entidades que atuam como guias espirituais e agentes de cura (L'odó, 2017). Para Pordeus Júnior (2014, p. 67), “as folhas, cascas e raízes utilizadas nos banhos e bebidas da Jurema não são apenas fitoterapia: são ritos de passagem, atos de cura, formas de reconexão com o sagrado e com o próprio corpo”.

A gênese e a expansão do culto à Jurema inserem-se em um contexto de violência colonial que visou suprimir cosmologias e práticas medicinais indígenas, impondo modelos eurocêntricos de corpo e saúde (Mignolo, 2017; Cesarino, 2017). Ainda assim, a Jurema resistiu, transformou-se e incorporou elementos do catolicismo e do africanismo, recriando-se em festas, toques de maraca, rituais com padês e cachimbos que escaparam às tentativas de silenciamento religioso. Conforme sustenta L'Odó (2017,

p. 42), a Jurema representa “um dispositivo de resiliência histórica, que permite aos povos do Nordeste reelaborar narrativas, preservar memórias e estabelecer formas autônomas de cuidado integral”.

Contemporaneamente, o culto à Jurema mantém estreita relação com práticas comunitárias de saúde, oferecendo um modelo holístico que articula dimensões físicas, emocionais, espirituais e sociais do processo saúde-doença (Oliveira; Guidio, 2022; Bezerra et al., 2023). Esse entendimento converge com a crítica decolonial que propõe o reconhecimento e a valorização de rationalidades plurais na produção do cuidado, desafiando o paradigma biomédico estritamente mecanicista e revelando a potência dos saberes ancestrais (Walsh, 2009; Oliveira et al., 2023).

No Brasil, destaca-se o aumento expressivo do interesse acadêmico pela interface entre espiritualidade, religiosidade e saúde, colocando o país entre os cinco maiores produtores de conhecimento sobre o tema no cenário internacional (Almeida; Lucchetti, 2014, 2016). Esse movimento tem fomentado o debate sobre a inclusão dessas dimensões nos currículos de formação em saúde, apontando para a necessidade de superar reducionismos biomédicos e adotar abordagens culturalmente sensíveis e integrativas.

A Organização Mundial da Saúde (OMS), por sua vez, reconheceu a espiritualidade como dimensão constitutiva da saúde em 1984, ao redefinir saúde não apenas como ausência de doença, mas como um estado dinâmico de completo bem-estar físico, mental, espiritual e social (WHO, 1984). Esse marco legitimou práticas historicamente marginalizadas, ampliando o horizonte das políticas públicas e reafirmando a relevância de estudos que exploram a espiritualidade não apenas como crença individual, mas como componente essencial do cuidado integral.

No contexto brasileiro, Garcia (2022) observa que práticas conduzidas por grupos religiosos frequentemente assumem funções de cuidado que extrapolam o simbólico, configurando-se como verdadeiros serviços de saúde para parcelas significativas da população, sobretudo em regiões onde o acesso ao sistema biomédico é restrito. Hvidt et al. (2017) destacam que expressões do cuidado popular conduzidas por raizeiros, benzedeiros, erveiros, parteiras e terreiros de matriz africana e indígena articulam dimensões físicas, simbólicas e espirituais, evidenciando um campo complexo que desafia a centralidade exclusiva do modelo biomédico.

Nesse sentido, investigar o culto à Jurema e suas interfaces com saúde e doença torna-se um exercício necessário de reconhecimento dos saberes tradicionais enquanto tecnologias de cuidado, historicamente forjadas na resistência à colonialidade. Este artigo tem por objetivo analisar como as práticas ritualísticas da Jurema Sagrada, observadas em contexto etnográfico na Casa Mestre Zé do Beco (Pesqueira-PE), se articulam a percepções próprias de saúde e doença, tensionando os limites entre o cuidado tradicional e o sistema de saúde formal. Almeja-se, assim, contribuir para o

fortalecimento de uma produção científica que legitime a espiritualidade enquanto dimensão indissociável do cuidado integral, rompendo silêncios impostos por séculos de colonialismo epistemológico e reafirmando a importância de perspectivas plurais na construção da saúde coletiva.

2 METODOLOGIA

Os caminhos para a realização deste trabalho surgiram a partir do projeto de mestrado intitulado: “Quando se fala em Jurema, eu dou Jurema a você: percepções de saúde e doença no culto da Jurema Sagrada no Município de Pesqueira-PE” de minha autoria, cuja pesquisa foi coordenada pela minha orientadora, co-autora neste artigo, o qual contou também com a participação de dois outros professores, membros do trajeto de conclusão de minha dissertação e que muito contribuíram para a conclusão do trabalho. Trata-se de um estudo descritivo, observacional e cartográfico com abordagem qualitativa, esta consiste em uma metodologia de investigação que se propõe a descrever a conexão do sujeito com o mundo e suas relações, considerando a subjetividade dos participantes do estudo e do pesquisador (Mineiro, et. al. 2022). O estudo partiu da seguinte questão norteadora: Como a percepção de saúde e doença é vivenciada nos cultos à Jurema Sagrada tendo em vista os rituais de cura e suas relações com o sistema de saúde?

O estudo é desenvolvido no Município de Pesqueira, Agreste de Pernambuco, situado no Vale do Ipojuca, distante a 215 km da capital do estado, Recife. A prática da Jurema é muito forte no município, que conta hoje com um número expressivo de terreiros de culto à esta tradição. O local escolhido para o desenvolvimento da pesquisa foi a Casa Mestre Zé do Beco, terreiro de culto à Jurema, localizado na área urbana do município, e fundado em 1974. Atualmente, com quase 50 anos de existência, é o terreiro mais antigo em funcionamento em Pesqueira e conta com cerca de 50 Juremeiras e Juremeiros afilhados. Trata-se do único espaço em Pesqueira que cultua exclusivamente a Jurema Sagrada, quando comparado aos demais terreiros no município que cultuam a Jurema mesclada com as demais religiões de outras vertentes espirituais, a exemplo da Umbanda e do Candomblé.

O estudo ocorreu por meio da escrita de diários de campo, compreendido como ferramenta de pesquisa que possibilita visibilizar aspectos da implicação do pesquisador com o campo estudado. O diário traz ao debate os conhecimentos e saberes do pesquisador, propostas e ações, suas angústias, desejos, avanços e dificuldades. Desta forma, o diário de campo também se constitui como ferramenta de intervenção ao provocar reflexões sobre a própria prática de pesquisa e das decisões em relação ao planejamento, desenvolvimento, método de análise e divulgação científica (Kroef et. al. 2020). A produção dos diários se deu a partir das “giras” e rituais de cura na rotina da casa Mestre Zé do Beco.

Os resultados apresentam trechos dos diários de bordo, iniciados a partir do mês de Julho de 2024, que descrevem as minhas experiências desde o momento da obtenção da carta de anuência, para tornar possível executar o projeto na Casa Mestre Zé do Beco, a apresentação do projeto para as Juremeiras e Juremeiros da Casa e as escrevivências do pesquisador a partir das “giras”, rituais e festeos ocorridos neste espaço sagrado que incluíram o Coco de Seu Zé, Louvação à Reis Malunguinho, Jurema de Mesa e a Festa dos Caboclinhos. Foram registrados 6 diários de bordo organizados e agrupados em tópicos que serão mostrados a seguir. O título dos tópicos adotados faz referência a pontos pertencentes ao culto da Jurema Sagrada, empregados como forma de contextualizar os resultados obtidos na produção dos diários.

3 RESULTADOS

3.1 “A JUREMA É MINHA MADRINHA, JESUS É MEU PROTETOR”: ANDANÇAS QUE ME TROUXERAM ATÉ AQUI

Para mim é um momento muito importante, pois marca o início de todo o ciclo de pesquisa neste espaço sagrado. (Trecho do Diário 1)

Pisar no solo sagrado da Jurema para falar de algo tão complexo é de fato muito gratificante, lembro-me com nostalgia da primeira vez que me vi dentro deste lugar, ainda menino, observando através das frestas da parede que dividia o espaço entre o terreiro e a casa de minha tia avó. Desde a infância me vejo rodeado pelo universo da Jurema Sagrada, uma vez que toda a minha família paterna se reconhece como uma grande comunidade Juremeira. Cresci acostumado a brincar neste espaço e observar de maneira curiosa as “giras” e comemorações que ali aconteciam. Estive por muito tempo afastado deste universo, ocupando outros espaços e doutrinas religiosas, até que no ano de 2016 sou trazido de volta a este lugar, passando a morar com minha Tia, na casa onde se cultuava a Jurema. Nesta época já cursava a faculdade de Enfermagem, o que me descortinou um universo nunca visto.

Desde então pude entender e sentir a ciência que circundava naquele espaço sagrado, pude dar os primeiros passos na jornada espiritual de minha vida, passei por todos os processos iniciáticos na doutrina da Jurema Sagrada, ao passo que também caminhava no desenvolvimento de minha vida profissional, até que surgiram os primeiros questionamentos sobre o cuidado em saúde. Por diversas vezes vi pessoas procurarem as entidades da Jurema para tratar problemas de saúde, as queixas eram inúmeras e iam desde uma dor na cabeça até problemas de ordem mais graves, como doenças do aparelho circulatório e de ordem mental. Foi a partir de então que me senti encorajado a investigar a relação entre saúde e espiritualidade e de que forma esta relação se dava uma vez que vi pessoas saindo do terreiro afirmando estarem melhores do que chegaram, sem a necessidade de uma intervenção

biomédica. Porém, ao tentar investigar, academicamente, este universo pude perceber a influência de uma cultura ocidentalizada e colonizada, tendente a invizibilizar a temática das práticas tradicionais de saúde vinculada aos povos de terreiro, colocando-a numa posição inferior aos saberes advindos do processo de modernização da medicina atual.

Hoje, enquanto mestrando em um programa interdisciplinar de uma Universidade Pública, localizada no interior de Pernambuco, me vejo com a missão de, a partir do meu lugar de fala, estudar e demonstrar que, sim, existe cuidado em saúde no Culto à Jurema Sagrada. Minha pesquisa busca apontar que esta prática é legítima e precisa ser compartilhada não só na Universidade, como também nos espaços produtores de saúde. O local para sediar este estudo não poderia ser outro, a Casa Mestre Zé do Beco, terreiro de culto à Jurema Sagrada, liderado por minha tia avó, onde me tornei Juremeiro. Desde antes do meu ingresso no programa de pós-graduação confidenciei para minha tia a vontade em desenvolver esta pesquisa em seu terreiro e no momento do convite para o seu início a resposta não poderia ter sido diferente, fiz questão de falar minuciosamente cada detalhe do que fora planejado. Ela observava atenta a cada etapa, aceitou que a pesquisa fosse desenvolvida na Casa e se mostrou muito lisonjeada em ser a escolhida para este projeto.

A partir do seu aceite iniciei minhas visitas ao terreiro, agora como pesquisador, no ambiente do qual sou parte integrante. Enquanto pesquisador, tenho que me manter em uma posição mais distante fisicamente dos rituais no terreiro, mas sigo como Juremeiro da Casa e me comporto como tal, bem como sou reconhecido e saudado pelas entidades que por ali passam da mesma forma como as saúdo durante minha permanência neste espaço.

Saúdo o assentamento de Exú localizado na porta da entrada, de forma a pedir licença para adentrar no espaço, saúdo Reis Malunginho, guardião dos “portões da Jurema”, saúdo o centro do terreiro onde está colocado um padê (espécie de farofa feita com farinha de mandioca e azeite de dendê) ofertado como oferenda à Exú, junto com cachaça, velas e duas quartinhos de barro cheias de água limpa. Malunginho vem até mim me saudar, eu o saúdo e recebo um abraço afetuoso desta poderosa entidade da Jurema. Algumas daquelas entidades vem até mim, me abraçam e me afagam, deixando meu coração emocionado e levando consigo qualquer energia que não seja boa (Trecho do Diário 3).

A produção dos diários de bordo começou em Julho de 2024 e, conforme acordado e consentido pela Juremeira, pude estar presente em alguns momentos de rituais realizados no terreiro em uma posição de observador, sempre acompanhado por um caderno, uma caneta e olhares atentos para não perder os detalhes. Por muitas vezes me emocionei ao perceber de fora, a magnitude de cada gesto, cada fundamento do que era realizado e de como a Jurema se mostrava forte e poderosa através de suas entidades. Tais entidades fazem parte da minha vida e do meu caminhar, trabalham comigo se utilizando de minha matéria física para ajudarem as pessoas que por ali passam.

No início do caminhar nesta pesquisa acreditei que teria que me distanciar ao máximo do meu íntimo enquanto Juremeiro para garantir um *status* mais legítimo para os dados que produziria futuramente. Essa teoria caiu por terra quando senti que não poderia deixar de lado minha essência e minha espiritualidade, uma vez que se eu estava ali, também era pelo consentimento dos meus guias, a partir disto não ousei em negar estas sensações e acolher a energia da Jurema Sagrada em meu corpo, muitas vezes tendo que “pausar” as atividades enquanto observador para dar vez as entidades que se aproximavam de meu corpo.

Me emociono quando o mesmo vem até mim para me saudar, uma vez que também sou médium desta entidade e o sinto com toda sua força. Dentre os pontos cantados me emociono ao ouvir o de Mestre Sibamba, meu guia espiritual e responsável por todo o meu desenvolvimento espiritual. Depois de algum tempo passado no decorrer da festa sou surpreendido ao sentir a energia de Mestre Sibamba se aproximar do meu corpo, aos poucos sinto essa energia cada vez mais forte e tomando as minhas capacidades de raciocínio e autocontrole, neste momento me entrego a esta energia e Mestre Sibamba incorpora. Retorno a consciência algum tempo depois, tomo uma água, ainda confuso após a incorporação sigo observando tudo ao meu redor. (Trecho do Diário 3).

Me lembro das vezes que imaginei em desenvolver este trabalho, quantas vezes desacreditei que fosse possível aliar dois universos, os quais perante muitos olhares eram distintos e impossíveis de serem estudados na Universidade. Sou tomado por um sentimento de gratidão por poder escrever e registrar cada parte desta caminhada que está apenas começando.

Talvez nunca tenha observado ao longo de toda a minha caminhada na Jurema, a força e significância deste ritual em louvor à Malunguinho. Todos os gestos feitos por ele nos remetem a um cuidado de limpeza e cura energética e espiritual. Sou mais uma vez tomado pelo sentimento de gratidão em poder ocupar este lugar e entender este espaço sagrado como também espaço de cura para todos os males. Peço a Reis Malunguinho licença para explorar este chão sagrado, peço que me abençoe e me faça continuar firme em meu propósito e que eu colha os frutos dessa pesquisa tão sonhada por mim. Axé!

A partir desses relatos, evidencia-se que o terreiro da Jurema Sagrada não é apenas um espaço de fé e espiritualidade, mas também um território de práticas promotoras de saúde integral. Os rituais vivenciados, as incorporações, as limpezas espirituais, os aconselhamentos e os vínculos estabelecidos com as entidades funcionam como tecnologias de cuidado que transcendem o corpo físico, atuando sobre dimensões subjetivas, emocionais, espirituais e comunitárias do ser. A promoção da saúde, entendida não como ausência de doença, mas como a ampliação das capacidades humanas de bem-viver, encontra eco nas ações realizadas no terreiro. Trata-se de um cuidado que acolhe as dores do corpo e da alma, escuta as queixas com atenção, oferece alento e sentido para o sofrimento.

A integralidade do cuidado ali praticado desafia a lógica fragmentadora da biomedicina e revela um modo de produzir saúde que se ancora na escuta, no acolhimento, na força dos encantados e na sabedoria ancestral. Nesse sentido, a Casa Mestre Zé do Beco pode ser compreendida como um dispositivo de cuidado popular, comunitário e espiritual, onde a promoção da saúde se expressa no fortalecimento dos laços, na construção do pertencimento, no restabelecimento do equilíbrio energético e na reconfiguração das trajetórias de sofrimento. É preciso, portanto, alargar as fronteiras do que se reconhece como saúde e legitimar os saberes e práticas dos povos de terreiro como parte do patrimônio imaterial e terapêutico do nosso povo. A Jurema cura porque escuta, acolhe, orienta e transforma e é nesse encantamento que reside sua força como espaço promotor de saúde.

3.2 “JUREMA É UM PAU ENCANTADO, É UM PAU DE CIÊNCIA QUE TODOS QUEREM SABER”: RITUALÍSTICA E PRÁTICAS TRADICIONAIS DE CURA DEBAIXO DO PÉ DA JUREMA SAGRADA.

No culto da Jurema Sagrada, as celebrações, festividades e trabalhos, são realizados através de rituais específicos que refletem a rica simbologia e tradição desta prática que reflete a profunda conexão espiritual e cultural das comunidades que o praticam. Esses rituais, que incluem cantos, danças e oferendas, não apenas fortalecem a identidade cultural dos praticantes, mas também servem como um meio de resistência e resiliência frente a contextos de opressão e marginalização. Assim, a Jurema Sagrada se destaca como uma expressão vital da espiritualidade e da sabedoria ancestral, perpetuando valores comunitários e promovendo um profundo respeito pela natureza e pelas tradições.

Os Juremeiros giram em um círculo no sentido anti horário e junto com os toques fortes dos tambores e o chacoalhar das maracas surgem das vozes dos filhos os pontos. Ao mesmo tempo em que o ponto é cantado dois Juremeiros erguem o recipiente com o padê que estava ao centro do terreiro, a quartinha e a cachaça, batem os com os mesmos nos quatro cantos do terreiro e em seguida despejam seus conteúdos no portão de entrada da casa. (Trecho do Diário 3).

A simbologia de elementos como velas e as imagens das entidades que trabalham na Jurema Sagrada são fundamentais para a realização dos rituais, promovendo a conexão com o sagrado. Esses elementos não apenas enriquecem a experiência ritual, mas também reafirmam a relação entre os participantes e suas raízes culturais, evidenciando a importância da espiritualidade na vida cotidiana das comunidades que preservam essa tradição.

No centro do terreiro está um copo de cachaça, uma vela e um cachimbo para oferta à Reis Malunguinho durante a gira, no canto da sala está uma mesa com vasos de flores, uma cesta

grande de frutas, mel, velas na cor verde e imagens em gesso de caboclos e de Malunguinho.
(Trecho do Diário 4).

O som do atabaque (instrumento de origem africana, usado para emitir o som nas festas públicas) e da maraca (instrumento de origem indígena que lembra um som de chocalho, usado para atrair as entidades a virem trabalhar nos momentos necessários) são essenciais, pois não apenas marcam o ritmo das cerimônias, mas também servem como uma ponte entre o mundo material e o espiritual. As músicas cantadas, muitas vezes carregadas de significados ancestrais, são essenciais para invocar as energias necessárias e conectar os participantes à força da Jurema. Essa sonoridade coletiva cria uma atmosfera de união e reverência, permitindo que os Juremeiros experimentem um estado de transe e espiritualidade que promove a reflexão, a cura e a transformação.

Todos os Juremeiros ajoelham-se em círculo, a Juremeira Francisca fica na ponta do círculo, os tambores continuam silenciados, é audível apenas o som das maracas e a voz da Juremeira Francisca que canta: “Vamos saudar a Jurema, que é nossa obrigação, Vamos saudar o Angico Mestre, vamos saudar Salomão”. todos os Juremeiros levantam-se e trocam bençãos, em um ritual de humildade e respeito à ancestralidade de todos ali presente. No meio da gira, um ponto cantado soa aos meus ouvidos de uma maneira muito forte: Sou Juremeiro Trevoso, catimbozeiro afamado, dentro da minha Jurema, tem Malunguinho assentado (Trecho do Diário 4).

Durante a elaboração dos diários de campo, já se tornava evidente a íntima relação entre a espiritualidade vivenciada no terreiro de Jurema e as práticas de cuidado em saúde ali realizadas. Essa conexão se manifesta em rituais de limpeza tanto individuais quanto coletivos, nos aconselhamentos ofertados pelas entidades espirituais aos sujeitos e à comunidade Juremeira como um todo, assim como no uso de elementos simbólicos que integram os trabalhos, a exemplo do cachimbo, cujos sentidos serão ilustrados nos relatos a seguir.

Com o seu cachimbo ele sopra em sentido contrário e através do seu canudo uma nuvem de fumaça cobre o terreiro, como uma espécie de limpeza energética para todos que aqui estão. [...] quando fumaça com a ponta do seu cachimbo, Reis Malunguinho cura todos os males dos que ali estão e confiam nele, seja por problemas físicos, espirituais ou mentais, são levados através de sua fumaça. (Trecho do Diário 4).

A oferta de consultas espirituais na Casa Mestre Zé do Beco, ocorre como uma espécie de atendimento, onde a entidade promove orientações a respeito de alguma situação ou problema que esteja afetando a saúde da pessoa. As orientações incluem a prescrição de banhos de ervas, defumações e limpezas espirituais que vão promover melhorias para resolução dos problemas em questão e consequentemente restabelecer a saúde do consulente.

Durante a realização da festa, percebo que seu Zé sempre conversa muito com as pessoas que ali estão, fazendo uma espécie de consulta espiritual, sempre dando aconselhamentos e direcionamentos [...] [...] em outro momento ele me chama após um tempo de conversa com um rapaz que ali se encontrava e me pede para passar para sua “nega” termo utilizado por ele para se referir a sua médium, no caso, a Juremeira Francisca, que a mesma faça um banho de ervas para o rapaz que se encontra muito aperreado por questões amorosas. (Trecho do Diário 3).

Percebo neste momento a relação direta entre a espiritualidade e o cuidado em saúde que ocorre no terreiro, que também é exemplificado através das defumações que Seu Zé e as demais entidades presentes fazem, seja nas pessoas que a eles recorrem neste momento ou no ambiente do terreiro, como uma espécie de limpeza energética com a fumaça do cachimbo. (Trecho do Diário 3).

Os rituais de limpeza espiritual coletiva no culto da Jurema Sagrada representam um papel crucial no cuidado à saúde da comunidade, promovendo não apenas a purificação individual, mas também o fortalecimento dos laços sociais e vínculos afetivos entre toda a comunidade de Juremeiras e Juremeiros. Esses rituais, que incluem defumações, rezas e cânticos, são momentos em que todos se reúnem para afastar energias negativas e restaurar o equilíbrio espiritual e também purificar as energias do espaço sagrado onde ocorre o culto. Essa prática coletiva não só proporciona alívio emocional e mental, como também atua como uma forma de prevenção de doenças, visto que a saúde espiritual está relacionada ao bem-estar físico e psíquico. A conexão entre a espiritualidade e a saúde é reconhecida, e esses encontros reforçam a importância da comunidade no cuidado integral dos indivíduos.

Malunguinho se despede colocando seu cachimbo de forma contrária na boca e soprando a fumaça por todo o terreiro, nesta hora os Juremeiros cantam: “Leva, leva seu Reis Malunguinho leva os contrários do nosso caminho” [...] Ao mesmo tempo em que cantam todos fazem movimentos como uma espécie de limpeza em torno do corpo. Um Juremeiro da casa ergue o copo de cachaça que estava no centro do terreiro junto à vela e com o seu cachimbo fumaça também em torno do terreiro e injeta sua fumaça dentro do copo de cachaça cobrindo-o com sua mão para que a fumaça fique presa no copo. [...] todos os Juremeiros ficam de pé e passam as mãos por todo o corpo e cabeça como uma espécie de limpeza e retirada de energias negativas e ao mesmo tempo atração de energias boas como um ritual de limpeza coletiva. (Trecho do Diário 5).

A partir dos relatos etnográficos, torna-se possível afirmar que os rituais da Jurema Sagrada, embora muitas vezes lidos apenas como manifestações religiosas, constituem práticas legítimas de cuidado e promoção da saúde. O terreiro se configura como um espaço simbólico e material onde se produzem cuidados que atravessam o corpo físico, o emocional, o espiritual e o social. As consultas com as entidades, os banhos de ervas, as defumações e as limpezas espirituais são formas de terapêutica tradicional que respondem às necessidades concretas das pessoas, sobretudo daquelas que não

encontram escuta ou acolhimento nos serviços de saúde convencionais. Ali, o sofrimento não é patologizado, mas reconhecido em sua profundidade e complexidade.

Essa abordagem ritualística reflete a noção de saúde integral, ao propor um cuidado ampliado que considera o sujeito em sua totalidade. A Jurema Sagrada opera por meio de uma lógica própria, na qual o axé, o encantamento e o vínculo com a ancestralidade constituem dispositivos de cura. Os rituais fortalecem laços comunitários, resgatam o sentido da vida, oferecem amparo emocional e espiritual, e atuam como mecanismos de prevenção e enfrentamento do adoecimento. Reconhecer essas práticas como formas legítimas de produzir saúde é um passo necessário para romper com a invisibilização histórica dos saberes dos povos de terreiro e ampliar os horizontes do que entendemos como cuidado.

A Jurema Sagrada sempre desempenhou um papel essencial em minha vida, com sua imensa riqueza espiritual e cultural. Minha jornada como pesquisador, me fez perceber o quanto essa conexão é significativa, tanto no aspecto pessoal quanto na minha trajetória acadêmica. Recordo o momento em que decidi estudar a relação entre saúde e espiritualidade dentro da Jurema, algo que sempre me fascinou, especialmente ao observar de perto como as práticas espirituais promovem o bem-estar de quem frequenta o terreiro. A cada visita, eu me sentia mais imerso naquele espaço, não só como praticante da Jurema, mas também como alguém que buscava entender as práticas de cura ali realizadas. A decisão de unir minha vivência como Juremeiro com minha formação acadêmica, que visava entender essas práticas, foi um marco importante para mim, especialmente ao perceber como, frequentemente, as abordagens tradicionais de cura são minimizadas no meio acadêmico em favor da medicina convencional. No entanto, ao retornar ao terreiro e me aprofundar nas investigações, percebi como a Jurema Sagrada oferece cuidados que transcendem a dimensão física.

Nos rituais, pude perceber que a espiritualidade é um elemento central para a saúde das pessoas que frequentam o terreiro. As defumações, os banhos de ervas e os conselhos espirituais dados pelas entidades, como o Rei Malunguinho, exercem um impacto profundo não só no corpo, mas também na mente e no espírito. Encontrei ali uma abordagem de saúde integral, onde corpo e espírito são cuidados de maneira interligada, e compreendi que essas práticas não são apenas crenças pessoais, mas sim métodos válidos de tratamento. A fumaça do cachimbo de Malunguinho, por exemplo, parecia purificar o ambiente e também as energias das pessoas presentes. Durante minha pesquisa, eu me senti fortalecido ao observar como as entidades, ao interagir com os médiuns e a comunidade, promovem não só a cura física, mas também a cura emocional e espiritual. Esse momento foi significativo, pois me mostrou que a Jurema, ao contrário do que muitos acreditam, oferece um cuidado genuíno e transformador.

Com o tempo, também percebi a importância do aspecto coletivo desses rituais. A união da comunidade durante os rituais de limpeza espiritual evidenciou que a Jurema não é apenas uma prática individual, mas um processo comunitário de cuidado. A energia que circula no terreiro, mediada por elementos como o padê, a cachaça, as velas e os cânticos, fortalece os vínculos entre todos os participantes e cria um espaço de cura compartilhada. O som do atabaque e da maraca, que orienta os rituais, também desempenha um papel importante em estabelecer uma atmosfera de respeito e conexão com o espiritual, permitindo que todos se entreguem ao processo de cura. Foi através dessas práticas que percebi que a Jurema Sagrada vai além de um simples cuidado; ela representa um espaço de resistência e resiliência, preservando saberes ancestrais e promovendo a cura, não só das doenças espirituais, mas também das físicas e emocionais. Esse entendimento me fez perceber que as práticas de saúde no culto à Jurema Sagrada são tão válidas quanto qualquer outra forma de cuidado e que precisam ser reconhecidas e compartilhadas, tanto no contexto da Jurema quanto nas Universidades e centros de pesquisa.

Apesar da potência dessas práticas, é notório que elas permanecem à margem das políticas institucionais de saúde pública no Brasil. O Sistema Único de Saúde, embora fundado nos princípios da integralidade e da equidade, ainda opera com base em uma lógica biomédica ocidentalizada, que tende a deslegitimar saberes e práticas oriundos de matrizes afro-indígenas. Os terreiros, como o da Casa Mestre Zé do Beco, não figuram nos mapas oficiais de cuidado, mesmo sendo espaços onde se produzem saúde, vínculo e transformação de vidas.

Essa invisibilidade não é acidental, mas histórica e estrutural. A hegemonia do saber médico-científico nas políticas públicas de saúde impôs uma racionalidade técnica que exclui outras formas de ver, sentir e tratar o corpo e a alma. Mesmo com a criação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), os saberes de terreiro não foram plenamente incluídos ou valorizados. Fala-se de acupuntura, homeopatia e fitoterapia, mas raramente se fala da Jurema, dos banhos de ervas com rezo, dos pontos cantados que reorganizam o espírito e da fumaça que carrega os males embora.

Reconhecer a Jurema como espaço de cuidado é, portanto, um ato político. É afirmar que saúde também se faz com cantos, com encantados, com o sopro do cachimbo e com o axé das matas. É propor que o SUS seja verdadeiramente universal, não apenas no acesso, mas também no reconhecimento dos diversos modos de produzir saúde neste país plural. Enquanto isso não acontece, a Jurema segue curando invisível para o Estado, mas essencial para o povo.

4 DISCUSSÃO

Ao refletir sobre os achados desta pesquisa etnográfica, realizada no terreiro Casa Mestre Zé do Beco, percebo a complexidade das práticas de cuidado em saúde que ali se manifestam. São experiências que transcendem a lógica biomédica dominante e evidenciam aquilo que Minayo (2008) denomina como a “pluralidade das rationalidades médicas”. Ao longo de minha vivência, pude constatar que os processos de adoecimento e cura no contexto da Jurema não podem ser compreendidos apenas pela ótica anatômico-fisiológica; eles exigem um olhar ampliado, capaz de abarcar sentidos, cosmologias e vínculos que estruturam a vida coletiva.

Na minha jornada enquanto pesquisador e, sobretudo, enquanto Juremeiro, reconheço que as práticas de saúde no culto à Jurema Sagrada articulam corpo, espírito, emoção e comunidade. Esse entendimento se aproxima do que Kleinman (1980) aponta ao discutir sistemas médicos como construções culturais, dotadas de coerência interna, em que diagnósticos e terapêuticas se imbricam em concepções próprias de mundo. A cada ritual de limpeza com o cachimbo de Reis Malunguinho, a cada banho de ervas prescrito pelas entidades, observei como se produzia uma restauração do equilíbrio que ultrapassa a materialidade, alcançando dimensões subjetivas e coletivas.

A minha dupla posição de pertencimento e pesquisa me colocou diante do desafio e da riqueza do que Ramos (2010) chama de “antropologia compartilhada”. Conduzir esta investigação em primeira pessoa significou não apenas observar o campo, mas também ser observado e afetado por ele. Quando relato as incorporações espontâneas que ocorreram durante os rituais, não o faço para fragilizar o rigor do trabalho, mas para evidenciar o que Haraway (1988) defende como epistemologias situadas: reconheço meu corpo e minha experiência como instrumentos legítimos de produção de conhecimento.

Ao analisar as consultas espirituais e as orientações das entidades, comprehendo que elas se constituem como o que Merhy e Franco (2005) chamaram de “tecnologias leves do cuidado”. Ali, o encontro, a escuta atenta, o conselho espiritual e o toque são tão ou mais terapêuticos do que qualquer intervenção farmacológica. Garcia (2022) observa que, em muitos territórios do Brasil onde o acesso ao SUS é limitado, são as práticas religiosas que suprem as lacunas da assistência, oferecendo não só suporte espiritual, mas também cuidados efetivos à saúde física e mental. Foi exatamente isso que testemunhei nas festas, nas consultas e nas giras da Casa Mestre Zé do Beco.

Os rituais que acompanhei, com seus cânticos, giros, atabaques e maracas, me remeteram diretamente à noção de “drama social” proposta por Turner (1974). Nesses momentos, percebo como o terreiro se torna um espaço de recomposição de tensões, de reatualização dos mitos e de reintegração do indivíduo ao coletivo. Quando ergui o padê ou participei dos cantos que invocam Malunguinho, entendi na prática o que significa ressignificar o sofrimento e transformar dor em força comunitária.

Essa potência dos rituais se anora, como bem aponta Laplantine (1991), na “eficácia simbólica”. Não é apenas o que se faz, mas o modo como se faz: o cheiro das ervas queimadas, o ritmo hipnótico dos tambores, o coro que se eleva no terreiro tudo isso reorganiza a experiência, permitindo-nos reverter medos, resignificar males e reencantar a vida. Meus próprios arrepios, lágrimas e a entrega involuntária à incorporação não foram fraquezas metodológicas, mas evidências de um campo que se manifesta sobretudo através do corpo.

Reconheço também o caráter político dessas práticas. A cada ritual, a Jurema reafirma sua resistência frente aos processos históricos de colonialidade que, como Quijano (2005) descreve, tentaram suprimir e deslegitimar cosmologias indígenas e africanas. Ao observar minha tia-avó liderando o culto, lembrei das palavras de L’Odó (2017), que define a Jurema como “um dispositivo de resiliência histórica”, por meio do qual nosso povo reconta memórias e estabelece formas próprias de cuidado. Estar ali, com meu caderno e caneta, mas também com meu corpo entregue ao axé do terreiro, foi uma forma de me posicionar contra o epistemicídio denunciado por Santos (2010).

Ao longo dessa trajetória, pude perceber que o cuidado em saúde no terreiro não é apenas individual. Os rituais coletivos, como as defumações feitas por Reis Malunguinho e os movimentos circulares acompanhados dos cânticos, revelam que o sofrimento é também social. Como indicam Oliveira e Guidio (2022), nesses momentos se restauram laços comunitários, se compartilham afetos e se estabelece uma rede de suporte que vai muito além da cura do corpo ela toca o espírito, o pertencimento e a dignidade de existir.

Para mim, discutir a Jurema enquanto prática de saúde é também afirmar a necessidade de superar reducionismos biomédicos. Ayres (2004) adverte que a integralidade, princípio fundamental do SUS, precisa ser compreendida não só como articulação de serviços, mas como reconhecimento da pluralidade cultural que compõe a experiência do adoecer e do cuidar. Cada vez que presenciei uma entidade prescrevendo um banho ou orientando um consultente a buscar reconciliação familiar, vi uma prática que não separa o físico do emocional, nem o individual do comunitário. É uma medicina integral, que bem poderia inspirar políticas públicas mais sensíveis à diversidade.

Portanto, ao concluir esta discussão, percebo que minha pesquisa não foi apenas uma coleta de dados: foi também um processo profundo de auto(re)conhecimento e de reconhecimento da legitimidade dos saberes ancestrais que carrego. A Jurema me ensinou como médium, como enfermeiro, como pesquisador e como neto de Juremeiros que saúde é mais do que ausência de doença. É corpo, folha, fé, ciência, canto e comunidade. É resistência viva contra séculos de opressão. Ao trazer à luz essas práticas, reafirmo a espiritualidade como fundamento essencial do cuidado, reivindicando que ela ocupe, finalmente, um lugar de dignidade nas discussões acadêmicas e nas políticas de saúde.

5 CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo investigar a relação entre saúde e espiritualidade dentro do culto da Jurema Sagrada, com foco na Casa Mestre Zé do Beco, situada no município de Pesqueira-PE. Durante a pesquisa, ficou claro como o contexto espiritual vivido no terreiro se entrelaça com as práticas de cuidado à saúde, indo além do tratamento físico e abrangendo o bem-estar emocional e espiritual dos participantes. O método adotado, que incluiu diários de campo e a observação de rituais de cura, proporcionou uma visão mais ampla sobre a importância de práticas, como os rituais de limpeza, as defumações e os conselhos espirituais, considerados formas legítimas de cuidado e cura dentro dessa tradição religiosa.

A pesquisa, que se conectou à minha vivência pessoal como Juremeiro, revelou a profundidade das práticas espirituais e sua eficácia no restabelecimento da saúde integral. A Jurema Sagrada oferece um modelo holístico de cuidado, onde entidades e médiuns trabalham juntos para promover não apenas a cura física, mas também o equilíbrio das energias e a transformação emocional e espiritual dos indivíduos. A espiritualidade desempenha um papel essencial nesse processo, e os elementos simbólicos dos rituais, como o cachimbo, a fumaça e as oferendas, são instrumentos que facilitam a conexão profunda entre os planos material e espiritual.

Por outro lado, a pesquisa também evidenciou as dificuldades enfrentadas pela medicina tradicional e pela academia ao lidar com práticas espirituais como a Jurema, que muitas vezes são marginalizadas e desvalorizadas, sendo vistas como opostas ao conhecimento científico contemporâneo. Contudo, ao destacar as contribuições da Jurema Sagrada, este estudo busca desafiar essas visões e afirmar a legitimidade e o poder dessas práticas de cura.

Este trabalho convida à valorização dos saberes ancestrais e das práticas comunitárias de saúde, que não só promovem a cura física, mas também incentivam a resistência cultural e a preservação de tradições espirituais. Ao integrar saúde e espiritualidade, a Jurema Sagrada oferece um exemplo de como diferentes formas de conhecimento podem coexistir e contribuir de maneira significativa para o bem-estar humano. A continuidade dessa pesquisa permitirá um aprofundamento das conexões entre esses campos, possibilitando um maior reconhecimento da importância das práticas tradicionais de cura tanto nos debates acadêmicos quanto nos espaços dedicados à promoção da saúde.

Os diários de bordo emergem como uma ferramenta fundamental nas pesquisas sociais, oferecendo uma visão íntima e detalhada das experiências e percepções do pesquisador sobre o fenômeno que está sendo observado. A partir da análise dos registros dos diários produzidos até aqui, identifica-se uma forte relação entre saúde e espiritualidade, revelando como práticas espirituais podem influenciar positivamente o bem-estar físico e mental dos indivíduos. Essa conexão ressalta a

importância de considerar a dimensão espiritual nas abordagens de saúde, evidenciando que a compreensão das vivências pessoais é essencial para uma análise ampla das condições sociais e de saúde. Assim, os diários de bordo se mostram não apenas como um registro de acontecimentos, mas como um espaço de reflexão e aprendizado que enriquece as investigações sociais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Arndt Mario; LUCCHETTI, Giancarlo. Panorama das pesquisas em ciência, saúde e espiritualidade. Ciência & Cultura, São Paulo, v. 68, n. 1, p. 54-57, jan./mar. 2016. DOI: 10.21800/2317-66602016000100016.

ALMEIDA, Dariane Freire de; SILVA, Ana Ligia Pereira; FREIRE DE ASSIS, Thais Josy Castro. Dimetiltriptamina: alcalóide alucinógeno e seus efeitos no Sistema Nervoso Central. Acta Brasiliensis, Campina Grande, v. 2, n. 1, p. 28-33, jan. 2018. DOI: 10.22571/2526-433843. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ActaBra>.

AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. Cuidado: trabalho e interação nas práticas de saúde. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, v. 8, n. 14, p. 63-76, jan./jun. 2004.

BEZERRA, Patricia Araújo; CAVALCANTI, Pauline; MOURA, Leides Barroso de Azevedo. Colonialidade e saúde: olhares cruzados entre os diferentes campos. Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 33, e33025, jan. 2023.

BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. Revista Crítica de Ciências Sociais, Coimbra, n. 78, p. 3-46, out. 2007.

CESARINO, Letícia. Colonialidade interna, cultura e mestiçagem: repensando o conceito decolonialismo interno na antropologia contemporânea. Ilha, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 73-105, dez. 2017. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/55985195/52027-186357-2-PB.pdf>. Acesso em: 01 out. 2024.

CESARINO, Pedro de Niemeyer. Quando a terra deixou de falar: um ensaio sobre o colapso ontológico ameríndio. Mana, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 91-115, abr. 2017.

GARCIA, Fernanda Lira. Saúde e espiritualidade: breves reflexões acerca do assunto. Revista Calundu, Brasília, v. 6, n. 2, p. 86-96, jul./dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v6i2.46439>.

GARCIA, Rafael. Religião e cuidado em saúde: dimensões práticas, simbólicas e políticas. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 27, n. 5, p. 1841-1852, mai. 2022.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. Toré e Jurema: emblemas indígenas no Nordeste do Brasil. Ciência & Cultura, São Paulo, v. 60, n. 4, p. 43–45, out. 2008.

HARAWAY, Donna J. Situated knowledges: the science question in feminism and the privilege of partial perspective. Feminist Studies, New York, v. 14, n. 3, p. 575-599, sep. 1988.

HVIDT, Niels Christian et al. Faith moves mountains – mountains move faith: two opposite epidemiological forces in research on religion and health. Journal of Religion and Health, New York, v. 56, n. 1, p. 294-304, fev. 2017.

KLEINMAN, Arthur. Patients and healers in the context of culture: an exploration of the borderland between anthropology, medicine, and psychiatry. Berkeley: University of California Press, 1980.

L'ODÓ, Alexandre L'Omi. Juremologia: uma busca etnográfica para sistematização de princípios da cosmovisão da Jurema Sagrada. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

L'OMI L'ODÓ, Alexandre Alberto Santos de Oliveira. Teologia da Jurema: existe alguma? In: V Colóquio de História: perspectivas históricas, historiografia, pesquisa e patrimônio. 18 nov. 2011.

LAPLANTINE, François. Antropologia da doença. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MERHY, Emerson Elias; FRANCO, Túlio Batista. Cartografias do trabalho e cuidado em saúde. Tempus – Actas de Saúde Coletiva, Brasília, v. 1, n. 2, p. 35-48, dez. 2005.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 32, n. 94, p. 25-44, jun. 2017. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 01 out. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2008.

OLIVEIRA, L. G. F.; MAGALHÃES, M. Percurso da implantação da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra no Brasil. Revista Brasileira de Estudos de População, Campinas, v. 39, e0199, set. 2022. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbepop/a/p9Z9c4pJnPHpj35TVxSBMZz/citation/?lang=pt>. Acesso em: 03 out. 2024.

OLIVEIRA, Márcio Fabiano S.; GUIDIO, Ana Cláudia. Práticas de saúde e espiritualidade: um diálogo necessário no SUS. Saúde e Sociedade, São Paulo, v. 31, n. 1, p. e200766, jan. 2022.

PORDEUS JÚNIOR, Ismael. A expansão da Jurema na Península Ibérica. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 45, n. 1, p. 247-262, jan./jun. 2014.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. Revista Peruana de Sociología, Lima, v. 13, n. 1, p. 11-20, jun. 2005.

RAMOS, Alcida Rita. Antropologia e etnografia: metodologias e práticas. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 25, n. 73, p. 7-18, out. 2010.

WALSH, Catherine. Interculturalidad, conocimientos y decolonialidad. Signo y Pensamiento, Bogotá, v. 28, n. 54, p. 23-31, ago. 2009.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Health and health services: report on the 37th World Health Assembly, Geneva, 1984. Genebra: WHO, 1984.